

A saúde em perigo

Wagner Telxeira

Em breve e sincero depoimento ao repórter Hélio Mota, o ministro da Saúde, Adib Jatene, arrolou os principais problemas que afetam o atendimento médico e hospitalar à população brasileira. O painel apresentado pelo ministro é certamente assustador e revela que, como em todos os outros setores do Governo, a insegurança é enorme em matéria de recursos financeiros.

O orçamento do Ministério da Saúde é baseado em 12 fontes diferentes, das quais duas são predominantes. A primeira é a parcela repassada pelo INSS, que se situa em 13 por cento da sua arrecadação. E, segundo Jatene, dos Cr\$ 28 trilhões previstos para o Ministério, o Finsocial contribui com Cr\$ 12 trilhões 700 bilhões. Acontece que o Finsocial sofre contestação na Justiça, que vai julgar a alegação de inconstitucionalidade em sua cobrança. Em São Paulo, por exemplo, ele foi julgado inconstitucional.

A partir de uma arriscada dependência orçamentária, o setor de saúde arrosta conhecidas dificuldades, das quais sempre se fala e vão-se avolumando dia a dia. Por vezes, a impressão que se tem é a de uma total insensibilidade por parte de grande número de autoridades. Acredita-se que a maioria dos homens públicos não utilize o sistema de saúde da Previdência e, por essa razão, não pode avaliar sua importância para a sobrevivência dos mais humildes. Só quem se beneficiou dos serviços oferecidos pela rede previdenciária, inclusive longos períodos de internação e cirurgias de alta complexidade, pode avaliar como é espantoso o risco que ameaça a saúde e a vida de milhares de brasileiros.

Metódico, sereno e ponderado em sua argumentação o ministro Jatene não faz o gênero dramático. Mas o leitor atento de sua entrevista fica ciente de que o Governo não mais investirá na construção de novos hospi-

tais enquanto não for revisto o cronograma dos que estão em obras. Verifica também que a remuneração do pessoal da área de saúde chegou a um dos níveis mais baixos dos últimos 20 anos e que não há uma solução à vista. Isso significa que muitos médicos continuarão a se dividir entre três ou quatro empregos, atendendo mal em todos eles, para desconforto e intranquilidade dos pacientes.

De modo semelhante ao que fez quando foi secretário de Saúde de São Paulo o ministro Jatene defende a garantia de acesso à saúde para a população de baixa renda, ou seja, a maior parte do povo brasileiro. Felizmente, o ministro é coerente com suas idéias.

Além da questão da medicina curativa e de emergência, outro problema não foi ainda equacionado num plano de longo prazo. É o do saneamento básico, que, muito bem desenvolvido, poderá salvar milhares de vidas. Condições mínimas de higiene, água limpa e esgotos em bom estado de funcionamento são pressupostos para um sistema de saúde eficiente. E convém não omitir o fato de que obras de saneamento sempre movimentam a economia e propiciam a criação de empregos para trabalhadores de todos os níveis.

“O orçamento para a saúde vai muito mal” — adverte o médico e ministro Adib Jatene, de modo discreto, porém incisivo. Se tal juízo fosse emitido em um país do Primeiro Mundo, uma verdadeira reviravolta ocorreria nos escalões governamentais envolvidos com o setor.

Entre nós, não se tem certeza de que o comentário ministerial vá despertar a indignação dos que, no Executivo e no Legislativo, dispõem dos instrumentos de correção de um absurdo inaceitável. Parece que não falta só dinheiro para enfrentar os males de que padece a área de saúde. Há também a carência de vontade política, ou pelo menos, a inapetência para selecionar prioridades.